

DONA DOMINGAS, A CORDELISTA DE COLARES

DONA DOMINGAS, THE CORDEL WOMAN WRITER FROM COLARES CITY

Janete da Silva Borges
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará

Resumo

Este trabalho é fruto do resultado da pesquisa feita para a minha Dissertação de Mestrado, concluída em novembro de 2005 pela Universidade Federal do Pará. A pesquisa surgiu da inquietação e da curiosidade de um estudo sobre o tema no nosso estado, o professor Vicente Salles fez uma coleta de vários livretos estado afora e algumas análises, mas ficou por aí, ninguém mais continuou o trabalho iniciado por ele, ou mesmo deu início a outro tipo de pesquisa. Por isso, também o meu interesse, na época da pesquisa havia uma necessidade de um estudo mais profundo sobre o cordel aqui no Pará, e uma dívida com seus cordelistas, atualmente existem mais trabalhos acadêmicos com esta temática, é bom saber que a academia tem despertando um interesse maior pela cultura popular. No Pará, segundo Márcia Abreu (1999), chegou através dos imigrantes portugueses, quando os navios aportavam por aqui antes mesmo de chegarem à capital do país - Rio de Janeiro - ainda no século XIX, dos nordestinos, principalmente no período do Ciclo da Borracha, da construção da Transamazônica, e na exploração do ouro em Serra Pelada. Neste artigo, apresento Dona Domingas, a única mulher que produzia cordel em Colares na época da pesquisa e uma das raras mulheres neste espaço, ainda, tão machista que é a produção de Cordel no Pará. A principal proposta do trabalho foi mostrar que a Literatura de Cordel faz parte da cultura paraense tanto quanto os outros gêneros literários e sua produção é intensa.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Pará; D. Domingas

Resumen

Este trabajo es resultado de la investigación realizada para mi Tesis de Maestría, finalizada en noviembre de 2005 por la Universidad Federal de Pará. La investigación surgió de la inquietud y curiosidad de un estudio sobre el tema en nuestro estado, realizó el profesor Vicente Salles, recopilación de varios folletos por todo el Estado y algunos análisis, pero eso fue todo, nadie más continuó el trabajo que él inició, ni siquiera inició otro tipo de investigación. Por eso también me interesa, en el momento de la investigación existía la necesidad de un estudio más profundo sobre el cordel aquí en Pará, y una deuda con sus cordelistas. Actualmente hay más trabajos académicos sobre este tema, es bueno saber que la academia ha despertado un mayor interés por la cultura popular. A Pará, según Márcia Abreu (1999), llegó a través de inmigrantes portugueses, cuando los barcos atracaban aquí antes incluso de llegar a la capital del país, Río de Janeiro, aún en el siglo XIX, desde el noreste, principalmente durante el período del Ciclo del Caucho, la construcción de la Transamazónica y la exploración de oro en Sierra Pelada. En este artículo presento a doña Domingas, la única mujer que producía cordel en Colares en el momento de la investigación y una de las pocas mujeres en este espacio todavía tan machista que es la producción de Cordel en Pará. La principal propuesta de la obra fue mostrar que la literatura de Cordel es tan parte de la cultura Pará como otros géneros literarios y su producción es intensa.

Palabras clave: literatura de Cordel; Pará; D. Domingas

POR QUE CORDEL?

Quem não gosta de ouvir histórias? Basicamente todo mundo gosta, e comigo não é diferente. Trata-se de um hábito adquirido desde criança. Ouvir histórias propiciou o meu primeiro contato com a literatura. Tive avós contadores de histórias, e um tio, ainda vivo (95 anos), que, além de nos deliciar com as nossas lendas, com os mitos, os romances e os contos de fadas, contava, também, umas histórias com rimas, e dessas eu, particularmente, gostava mais do que as outras, afinal, como ele conseguia fazer aquilo? Era tão diferente...

Assim, eu fui tendo meu primeiro contato com o cordel, através da oralidade, ou, segundo as palavras de Heloísa Prieto, 1999, através do “hálito” do meu tio.

Muitos anos se passaram e eu não esquecia as histórias com rimas. No curso de Letras, na UFPa, mais especificamente no projeto IFNOPAP, tive meu reencontro com aquelas velhas-novas histórias. Velhas porque já as conhecia, novas porque fiquei sabendo que tinham uma identidade: *Literatura de Cordel*. Já havia escutado muito sobre elas, mas, contato mesmo, só na Graduação, e imaginem só, reacendeu uma paixão antiga que, agora, não queria apenas ouvir, queria também uma intimidade maior, um contato mais próximo, uma relação mais séria.

Como, culturalmente, temos a ideia de que somente o Nordeste produz cordel, não havia, à época da dissertação, um estudo efetivo no nosso estado. O professor Vicente Salles fez uma coleta de vários livretos Estado afora e algumas análises, mas ficou por aí, ninguém mais continuou o trabalho iniciado por ele, ou mesmo deu início a outro tipo de pesquisa. Por isso, também o meu interesse, há praticamente uma necessidade de um estudo mais profundo sobre o cordel, aqui no Pará, e uma dívida com seus cordelistas. A maioria do material coletado, por Vicente Salles, faz parte dos cordéis publicados pela Editora Guajarina, mas há também folhetos de encomenda, de propagandas.

Na tentativa de fazer um levantamento da produção atual do cordel no Estado, descobri que, além da região metropolitana, havia no interior uma produção efetiva que precisava ser estudada.

Precisamos levar em consideração que o fluxo migratório do Nordeste é muito forte na região nordeste do estado, por isso começar por ela seria uma tentativa de fazer o percurso do cordel local. Foi assim que cheguei em Colares e à casa de sua única cordelista.

A produção do cordel em Colares.

Colares é uma cidade pequena que fica mais ou menos a 120 quilômetros de Belém. Tem uma produção cultural diversificada, mas pouco explorada. O que chama a atenção das pessoas que não são de lá ou das redondezas, são as histórias a respeito de OVNIS que

apareceram na década de 80. Os ufólogos dizem que lá pousam discos voadores, e isso faz parte do imaginário popular daquela região.

OVNIS à parte, em Colares existe outra coisa estranha, pelo menos para as investigações que resultaram nesta dissertação: uma senhora que nunca teve contato com livretos de cordel, ou com repentes nordestinos, faz cordel e repentes...

Domingas Rocha

Dona Domingas tinha 80 anos na época da pesquisa - ela ancestralizou há alguns anos - viúva, teve uma vida muito sofrida: criou 08 filhos sozinha numa cidade de interior (Juçarateua), em uma época em que o machismo era muito mais forte que atualmente. Ela faz, literalmente, da sua vida um poema. Escreveu um folheto de cordel com o título de *Um Caso Verdade* e faz música sobre todos os fatos que acontecem com ela, sejam eles bons ou não.

Além de cordel, D. Domingas fazia repentes, versões de músicas e compunha, inclusive por encomenda. Ela não lembrava quando começou a escrever, mas dizia que há muito tempo.

Ela lembrava de maioria de suas composições, apesar de ter sofrido de um aneurisma cerebral aos 75 anos, e ter-se submetido a uma cirurgia. Gravou cds, feitos de modo artesanal pelos filhos, e esperou uma oportunidade para mostrar seu trabalho, dizia que a voz não era mais a mesma, estava se perdendo. Infelizmente não realizou seu desejo...

Dona Domingas tinha cadernos com vários cordéis, contando histórias de várias pessoas. Além de muitos outros com as letras de suas músicas.

Um caso verdade é o único folheto publicado, mas ela tem outros, entre eles *A viagem de minha filha* e *a História da moda*.

Um caso verdade é uma espécie de autobiografia que retrata todo o sofrimento de criar os filhos sozinha, após ter sido abandonada pelo segundo marido.

O folheto com 27 folhas, composto predominantemente por sextetos, com esquema rimático ABCBDB. O texto é dividido em duas partes, na primeira há 40 estrofes, sendo dois quartetos com esquema ABCB, na segunda há 41, sendo uma quadra com o mesmo esquema da anterior.

A primeira parte, datada de 1963, mostra a saída do marido e todo o sofrimento da espera de um retorno, que nunca aconteceu. O texto inicia pedindo força a Deus para poder contar a história:

Hoje é 20 de março
Dia de festa e reunião
Por isso peço a Deus
E a São Sebastião
Que me dê força e coragem
E também a proteção

Em seguida, fala com o marido, mostrando-lhe como está magoada com sua partida, e como ela vê o fato:

Ilmo Senhor Não queira ignorar
Peço a Vossa Excelência
Que a mim, queira desculpar,
Destas palavras que aqui
Neste papel vou narrar.

Você sendo novo e forte
Porém de espírito fraco
Pra se dominar por coisas
Que só lhe causa fracasso
E fala alto comigo
Só pra encher o saco.

Fique sabendo você
Que o saco está no meio,
Por você me pedir calma,
Que fico no aperreio
Mas o dia em que me alvarar,
O caso vai ser bem feio.

Sabe Deus como a gente
Por aqui está passando,
No caderno está devendo,
E dinheiro emprestando
E muitas vezes também
A fome só maltratando.

O texto segue falando das dificuldades pelas quais está passando a narradora – financeiras, morais, pessoais.

No final ela mostra que, apesar de tudo, não deseja mal ao pai de seus filhos:

Que Deus te proteja sempre
Com saúde e força mais
Para enfrentares os serviços
E tenhas sempre cartaz
E para que dinheiro, muito,
Tu ganhes sempre mais.

Que Deus pai te favoreça
Com muitos anos de vida
Que eu também
Hei de viver
Por Deus sempre protegida
Por você peço perdão!
E ando de cabeça erguida.

Assim eu também desejo
Que você seja feliz
Se for vontade de Deus
Um dia voltares aqui
Terei prazer em contar-te
Porque foi que te escrevi.

.....

Que vivas muito feliz
Mesmo lá longe dos teus
Recebe um adeus saudososo
Desta que te escreveu.

Nesta primeira parte, percebe-se um lamento, que mostra a dor de perder alguém que se ama e a esperança do retorno. O texto é narrado em primeira pessoa e fala diretamente com o marido que partiu, como se estivesse lhe escrevendo uma carta.

Na segunda parte, a história é contada aos leitores e é com eles que a narradora fala, também é em primeira pessoa e faz uma descrição dos fatos.

Inicia dizendo aos leitores que, após ter refletido, vai lhes contar sua história que já foi contada antes – na primeira parte. A partir da segunda estrofe, inicia propriamente a história, mostrando o início de tudo e dando pistas ao leitor de como seria o final:

O negócio é o seguinte:
Que dentro de poucos anos
Eu estava colocada
Com um homem de bons planos,
Mas não sabia que eu
Já estava no engano.

.....

Eu dizia: isso é conversa,
Você ainda me abandona
Você com essa conversa
Ainda arranja outra dona
Ele disse: Deus me livre
Minha palavra é de homem.

Eu ainda tinha cinco²⁸
Que todo mundo sabia
Eu trabalhava tanto
E ele se compadecia
Então falou em ajudar
E eu disse que queria.

Mas queria neste sentido
De os dois viverem juntos
Se ele não concordasse
Eu não queria assunto
Íamos viver até um dia
Um ou outro ser defunto.

Foi então que concordamos
E ficamos bem vivendo
Quando um não tinha, era outro.
Tudo então fomos vencendo
E todas as nossas crianças
Cada vez iam crescendo.

O texto segue mostrando que o marido foi embora para arrumar um emprego melhor, durante muito tempo escrevia para a família, mas depois não deu mais notícias. Os versos indicam que a narradora sabia do companheiro através de terceiros, e a última notícia era de que ele estava na cidade de Soure, no arquipélago do Marajó.

Na XXV estrofe, há um *flash back*, e o texto mostra como era a relação com a mãe do rapaz:

Quando de sua mãe querida
Ele apanhava demais
Chegava e dizia assim:
“Olha o que mamãe faz”
Respondia: “se fosse eu
Já não queria mais.”

Então suspendia a camisa
Dizia: “vem olhar aqui”
Só tinha uma lambada
De lasca de muruci
E dizia: “a mamãe faz isto
Pra ver se deixo de ti.”

²⁸ D. Domingas faz referência aos cinco primeiros filhos do primeiro casamento.

Quando agarrava-o de novo
As pancadas eram seguras
Era com lasca de pau
Ou com cabo de vassoura
Dizia: “estas apanhando
Por causa daquela feiúra.”

As brigas com a mãe foram muitas, ela não deixava o filho escolher as namoradas, sempre interferia e, essas divergências foram usadas como motivo para ir embora da cidade, deixando a mulher e os filhos, com promessa de retorno:

Ele disse:”ora mamãe
Como eu posso ficar
A senhora é minha mãe
Mas não pode me obrigar
Pois eu vou daqui embora
Meu destino procurar”

Tornou a dizer: “oh, mãe!
Veja lá como é que é,
Estou com 28 anos
Sem ter arranjado mulher
Agora arranjei esta
E a senhora não quer.

Primeiro com uma moça
Que eu quis me colocar
A senhora disse assim
Esta não vai adiantar
Ela não é mais nada²⁹
E tu não vais carregar.

Segunda foi uma outra
Era uma boa mocinha
A senhora disse: filho,
Vou te avisar bem mansinha
Esta moça ainda não sabe
Da saia lavar a bainha.³⁰

²⁹ Esta é uma expressão muito usada pelos mais velhos, principalmente no interior, para dizer que uma moça não é mais virgem.

³⁰ Não saber lavar a bainha da saia significa não ser prendada, não ser uma boa dona de casa, e, consequentemente, uma péssima esposa.

A terceira foi uma viúva³¹
Comigo quis viver junto
Você disse: ora meu filho!
Vou falar no teu assunto
Essa mulher não te serve
Porque é resto de defunto.”

Ele disse: ”agora sim
Há de ser o que Deus quiser
Sou obrigado a ir embora
Mas não perco a minha fé
Meus filhos ficarão aqui
Dora, Valdeci e José.”³²

As últimas estrofes retomam o diálogo com o leitor, e há uma descontração, o texto é mais suave, tanto que há uma espécie de charada para o leitor decifrar:

Da história que versei,
O importante é isto:
Minha luta é sempre forte
Graças lá do infinito
A força que Deus me deu,
São Pedro e São Benedito.

Rimei toda minha história
O favor peço então,
Chamo a todos os leitores
A lerem esta narração
E depois
De terem lido
Tem um pontinho no ar
Para fazer separação.

Ó meu amigo leitor,
Queira a mim desculpar
Não é de costume isto
A precisão veio obrigar
Depois de ter recorrido
Diga meu nome onde está.

Aparentemente a segunda parte, que não está datada, foi escrita bem depois da primeira, pois há uma leveza maior do texto, não há tanto lamento como na primeira, que deve ter sido escrita próximo à partida do companheiro.

³¹ A narradora.

³² Os três últimos filhos são do segundo casamento.

A viagem de minha filha, faz jus ao nome e narra a viagem de uma das filhas da autora por algumas cidades do Brasil. O texto é inédito e tem 22 sextetos com o esquema rimático ABCBDB. O único texto de D. Domingas – dentre os cordéis e os repentes – que não trata de um fato verídico é *A história da moda*, também inédito, é uma espécie de crítica às moças que usam mini saias e mini blusas e aos rapazes que usam brincos, cabelos longos, não fazem a barba. É uma visão de uma pessoa de 80 anos sobre a moda da juventude do século XXI.

Geralmente quem escreve cordel teve algum tipo de contato com os folhetos, fosse via escrita ou oral. No entanto, em um contato maior com a autora e com suas produções, foi possível perceber que ela de fato não teve contato com os folhetos, pelo menos via escrita, pois o seu modo de escrever é diferente. Seus textos baseiam-se, predominantemente, em fatos verídicos, acontecidos com ela ou com outras pessoas, diferente dos demais cordelistas estudados, ela quase não faz críticas sociais, denúncias, ou mesmo inventa seus textos, a maioria não é baseado na realidade. É a realidade.

D. Domingas relatou que suas composições, literárias e musicais, são provenientes de seu dom. Seja como for ela produziu, e, apesar de todos os seus problemas, deu-nos uma grande lição de vida; nunca ficava triste por muito tempo, se desvencilhava dos seus problemas tocando seu banjo e escrevendo seus textos.

Dona Domingas nos deixou há alguns anos, mas seu legado literário ficou e precisa ser reconhecido...

Este trabalho me deu a certeza de que o cordel está aqui, e precisa ser mais estudado, em todos os níveis da educação, como um elemento que faz parte da nossa cultura popular e literária.

Referências

ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas, São Paulo: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. 152p.

ANTUNES, Celso. *Geografia e participação: As regiões do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1988.Vol.02. 151p.

CARVALHO, Gilmar de. Cordão, cordel, coração. In: *Cult Revista brasileira de literatura*, São Paulo: Lemos Editora. Nº 54, p. 44-49, janeiro 2002.

CASTELFRANCHI, Yuriy. *Poeiras e esperanças na Transamazônica de hoje*. In: www.comciencia.br/2004/reportagens/07. acessado em 12/08/2005

CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2001. 269p.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 226p.

GUILEN, Isabel & CAVALCANTE, Helenilda. *Atravessando fronteiras: movimentos migratórios na história do Brasil*. Disponível em <http://www.imaginario.com.br/artigo/a0061-a0090/a0086-02.shtml>. Acesso em 06/08/2005

PRIETO, Heloísa. *Quer ouvir uma história?: lendas e mitos do mundo da criança*. São Paulo: Angra, 1999. 126p.

SALLES, Vicente. *Repente & Cordel: literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: FUNART/ Instituto nacional do Folclore, 1985. 277p.

Sobre a autora:

Janete da Silva Borges

Possui mestrado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (2005). Atualmente é voluntária na Biblioteca Comunitária Itinerante Bombomler, atuando como contadora de histórias, mediadora de leitura e em formações; é professora de Língua Portuguesa - Secretaria de Estado de Educação do Pará; tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literaturas indígenas e Africanas, outras Literaturas Vernáculas, Literatura Infanto-juvenil e Literatura Oral, atuando principalmente com os seguintes temas: literatura, oralidade, leitor e escola.e formação de professores.

E-mail: janeteborgesseduc@gmail.com

Orcid : <https://orcid.org/0009-0006-1556-3756>

Recebido: 12/06/2024

Aprovado:28/07/2024